

# O Jogo de Espelhos : Reflexões sobre Vida e Filosofia em Nietzsche

Anna Hartmann Cavalcanti<sup>1</sup>

## Introdução

Um dos aspectos peculiares da obra de Nietzsche é que nela a própria vida do filósofo se faz presente. Como poucos filósofos, Nietzsche integra à filosofia suas próprias experiências, tornando vivo o elo que une o pensador à sua obra. Fazendo dessas experiências a matéria de seu pensamento, é a própria vida que surge como questão da filosofia nietzscheana.

Este trabalho, acompanhando Nietzsche, busca pensar este aspecto que une a vida e a obra. Recuperar a vida, no caso de Nietzsche, é recuperar também uma forma singular de compreender a atividade filosófica.

Outro importante aspecto, além dessa unidade, é a própria vida de Nietzsche. Tanto a doença que fez dele um eterno convalescente quanto a progressiva solidão de sua existência, fizeram de sua vida uma experiência singular e incomum. É essa singularidade que torna estimulante a leitura das biografias de Nietzsche e que faz da vida um aspecto importante para a compreensão da obra.

Fazendo da vida nosso tema, comentaremos, na segunda parte deste trabalho, duas biografias sobre o filósofo — *Nietzsche, uma biografia*, de Daniel Hálevy e *La danse de Nietzsche*, de Béatrice Commengé. Elas nos permitem ressaltar importantes aspectos da vida de Nietzsche, ver como, de duas perspectivas diferentes, ressurgem essa unidade entre vida e filosofia.

1 Mestre em Filosofia pela PUC-Rio.

## I

Como vimos, um dos aspectos peculiares da filosofia de Nietzsche é que nela vida e pensamento são inseparáveis. Este aspecto está presente desde o início de sua obra e marca seu período de juventude. Seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia*, é o livro de um jovem militante disposto a renovar a cultura alemã de sua época, a partir da cultura grega e daquele que, em sua época, fazia renascer o espírito grego : Wagner. Já em seu início, faz da filosofia um meio de mexer e transformar tudo o que toca sua experiência mais próxima, mais intensa. A filosofia é, nesse momento, o campo de discussão de suas experiências, do vivido. A crítica aos filisteus da cultura, o sentido estético em relação à vida e ao sofrimento, todos esses aspectos, os únicos a partir dos quais ele entende o que seja a filosofia, são parte da vivência de Nietzsche.

Em seus textos de juventude, o filósofo se dedica a repensar e renovar a cultura alemã da época. Nietzsche, questionando a arte como divertimento, busca, a partir de Wagner, devolver à arte sua ligação com a vida e com uma experiência estética. O indivíduo moderno, diz Nietzsche, tornou-se um espectador. Ávido por notícias e por espetáculos dramáticos busca trazer um pouco de « tragédia e comédia », de vitalidade à sua existência. A arte moderna, como forma de alívio ou como estimulante, expressa um empobrecimento da vida. É nesse sentido que Nietzsche a chamou, posteriormente, de « arte narcótico ».<sup>2</sup> A filosofia é, a partir da reflexão estética, um meio de vivificar uma cultura « espectadora », que se distanciou do princípio criador que Nietzsche ressalta na arte.

Fazendo da filosofia um meio de pensar e transformar a existência, é também a própria vida que o jovem Nietzsche busca na obra de seus mestres. O filósofo, em sua juventude, foi um peculiar biógrafo de seus mestres, partindo de suas obras para elaborar um relato da vida. Reconhecendo-se herdeiro de Schopenhauer e dos filósofos pré-socráticos, Nietzsche, nos ensaios a eles dedicados,<sup>3</sup> se propõe a buscar na obra a personalidade.

O jovem filósofo busca na obra de seus mestres os sinais de uma « vida filosófica ». Nietzsche descreve a unidade entre vida e pensamento como qualidade do « grande homem », qualidade que não pode estar apenas em suas palavras, mas em sua « vida visível », na atitude, nos hábitos, na expressão.

O conteúdo exemplar da vida dos pensadores está ainda no perigo particular que a constitui, perigo que reside na natureza errante do pensa-

2 Ver Nietzsche, F., *Ecce Homo*, trad. Paulo César Souza, Ed. Max Limonad, São Paulo, 1986, p. 109.

3 Trata-se de dois ensaios : « Schopenhauer Educador » in : *Considérations inactuelles. Fragments posthumes (1874-1876)*, Gallimard, Paris. 1988; e *La naissance de la philosophie à l'époque de la tragédie grecque*, Gallimard, Paris, 1938.

mento. Nietzsche, comparando-o às viagens dos grandes navegadores, o descreve como « viagens de exploração nos domínios mais recuados e perigosos da vida ». <sup>4</sup> Por natureza errante, o pensamento é levado a distanciar-se do solo onde vivem os homens e lançar-se no incerto. Mas é exatamente nessa relação errante que o pensamento tem com a existência, nessa reflexão que o obriga a afastar-se, que Nietzsche percebe seu valor : a descoberta de « novas possibilidades de vida ». <sup>5</sup> O que o jovem filósofo procura em seus mestres é essa força inventiva « que joga luz sobre todos os seus sucessores ». <sup>6</sup>

Da mesma forma, Nietzsche busca em Schopenhauer aquilo que constitui o valor das grandes obras e dos educadores : o de serem liberadores. O educador como liberador é aquele que auxilia o jovem a « chegar a si mesmo » e é assim que Nietzsche entende os pensadores como modelo : aqueles que por sua « vida visível » e por sua força inventiva suscitam no jovem « novas e fecundas possibilidades de vida ».

Em 1879, período onde escreve a última « Consideração Intempestiva », dedicada a Wagner, Nietzsche é obrigado a se afastar da Universidade de Basileia, onde lecionava, por graves problemas de saúde. Inicia-se também o lento rompimento de sua amizade com Wagner e o questionamento da filosofia de Schopenhauer a qual Nietzsche esteve até então ligado. A partir desse momento, se inicia um novo período de sua vida e atividade filosófica.

Devido a sérios problemas de saúde que o acompanharão por toda a vida, Nietzsche passa a levar uma existência nômade; necessita partir a cada mudança de estação em busca de climas mais favoráveis à sua saúde. Em suas crises, Nietzsche era tomado de fortes enxaquecas, insônias prolongadas e uma enorme sensibilidade à luz. Aprendeu a conviver com uma alternância permanente de seus estados de saúde, e esta tornou-se para ele algo que continuamente perdia e reconquistava. Peregrinando de cidade em cidade, a cada mudança de estação, em um crescente isolamento intelectual, o filósofo se volta, cada vez mais, para suas próprias experiências.

Em *Ecce Homo*, <sup>7</sup> Nietzsche nos descreve como era a partir de uma convivência e de uma luta com a dor que nasciam seus pensamentos. Experimentando uma alternância contínua de seus estados de saúde, o filósofo passa a investigar a mudança de seus estados corporais e seus efeitos sobre o pensamento. Como ressalta Lou Salomé, <sup>8</sup> a doença de Nietzsche reparte a vida em estados distintos, impondo alternâncias regulares ao pensamento. Nietzsche experimenta, assim, uma estranha duplicidade : de

4 *La naissance de la philosophie, op. cit.*, p. 23.

5 *Ibid.*

6 *Ibid.*

7 Cf. Nietzsche, F., *Ecce Homo, op. cit.*, pp. 45-46.

8 Salomé, Lou, *Frédéric Nietzsche*, « Collection Sciences Humaines et Philosophie », Ed. Gordon & Breach, Paris, 1932, pp. 21-23.

um lado, intensos períodos de dor, onde pensar é conviver e lutar com o sofrimento, de outro, o momento de superação e convalescença, onde todas as coisas renascem diante de seu espírito com um sabor desconhecido e inédito. Essa alternância possibilita um olhar sempre novo e renovado sobre as coisas mais simples, « porque uma noite profunda o separa da última vez que as viu ».<sup>9</sup> Alternando momentos de intenso sofrimento físico e de convalescença, a obra de Nietzsche participa desta alternância, seja voltando-se para uma reflexão sobre a dor, seja festejando a vida, o renascimento, e experimentando perspectivas novas e diferentes sobre a existência. Essa luta permanente de retorno e superação de crises, bem como suas peregrinações solitárias, fazem de sua vida uma existência voltada para si mesma. Distante do mundo, escutando a si próprio, Nietzsche integra a seu pensamento todo o conjunto de suas experiências.

É essa experiência incomum, voltada para si mesma, que permite a Nietzsche rever, sob nova perspectiva, a atividade filosófica. Nesta, ao lado dos temas que constituem a filosofia, são as próprias experiências que « filosofam », que formam o tecido do pensamento.

Nietzsche leva suas meditações a experiências profundamente pessoais, de maneira que as descobertas que ele assim realiza são um meio de renovação contínua de seu pensamento. É a partir de suas próprias experiências que o pensamento se renova, que Nietzsche é capaz de criar novos olhos, « cada vez mais novos e pessoais ».<sup>10</sup> Na relação que o pensamento tem com a vida renasce o princípio que orienta Nietzsche em suas « Considerações Intempestivas » — um conhecimento que, em lugar de dar leis e limites, transforma quem conhece.<sup>11</sup>

Nietzsche, colocando-se em seus escritos, fazendo parte da reflexão que ali se realiza, parece querer dar um conteúdo filosófico a suas experiências mais pessoais. E é aqui que o elo que une a filosofia à vida ganha uma nova perspectiva. Se por um lado, como em sua obra *Ecce Homo*, Nietzsche ao falar de si, fala por meio de enigmas, ou se refere ao estilo como uma espécie de máscara,<sup>12</sup> por outro, tornar suas experiências pessoais temas de uma filosofia parece querer impedir qualquer separação entre esta e uma « vida filosófica ». Nietzsche não apenas evidencia a ligação entre a vida do pensador e sua obra, mas faz da filosofia um meio de religar o pensamento ao vivido, de devolver-lhe, em seu contacto com a vida, a capacidade de surpreender-se. É assim que, abolindo a separação entre o pessoal e o filosófico, o pensamento é capaz de criar, ser criador de « novas possibilidades de vida ».

9 *Idem*, p. 26.

10 Nietzsche, F., *Le gai savoir*, trad. de Pierre Klossovski, « Collection 10/18 », Union Générale d'Éditions, Paris, 1973, aforismo 143

11 Cf. Nietzsche, F., *Considerações Extemporâneas I e II*, Editorial Presença/Martins Fontes, Lisboa, 1980, pp. 198-199.

12 Ver Nietzsche, F., *Ecce Homo*, *op. cit.*, p. 45.

Desde seus primeiros textos, o filósofo interpreta o conhecimento a partir do valor que este tem para a vida. Esta noção e, posteriormente, a de vontade de potência, formam o eixo a partir do qual Nietzsche constrói as bases de uma nova filosofia e o ponto de partida para a sua crítica.

A ligação que o conhecimento tem com a vida surge na noção de vontade. Para Nietzsche, todo conhecimento é expressão de forças espontâneas e ativas, capazes « de dar lugar a novas interpretações, novas direções, novas formas ». <sup>13</sup> O conhecimento é, sobretudo, atividade e nele se manifesta uma vontade ativa e formadora. Essa atividade é compreendida por Nietzsche como um domínio, um movimento de se apropriar e dar forma. É essa relação entre forma e força que faz do conhecimento e da cultura expressões da vida. Nietzsche, em *Assim Falou Zaratustra*, nos diz : « Onde encontrei vida, encontrei vontade de potência ». <sup>14</sup> Não apenas a existência humana, mas tudo o que vive como relação entre forças, manifesta um impulso para a forma e, ao mesmo tempo, uma constante mobilidade. A vida é esse movimento que cria e dissolve todas as coisas, que tende, como vontade de potência, à expansão e ao crescimento, mas também a uma contínua superação. Nessa relação entre forma e força, a vida é, essencialmente, criação, o que aproxima a arte desse tema central do pensamento nietzscheano. Pensando a filosofia como expressão da vida e de uma vida criadora, Nietzsche ressalta a relação afirmativa que o pensamento tem com a existência.

É o mesmo princípio que orienta o filósofo em sua crítica. Como ressalta Fink, a metafísica é interpretada por Nietzsche como um processo vital, do ponto de vista do valor. <sup>15</sup> O filósofo vê na criação de um mundo supra-sensível uma história onde valores opostos à vida passam a predominar, onde é criado um ideal que enfraquece e deprecia a existência. Nietzsche, com sua crítica, quer mostrar como em determinado momento essa vontade afirmativa cedeu lugar à busca da verdade, à busca de um fundamento de permanência a partir dos conceitos e dos preceitos morais. Nietzsche encontra em toda filosofia que aspira à verdade uma vontade, mas uma vontade contrária à vida, que se opõe ao aspecto múltiplo e criador da existência. Partindo da perspectiva do valor, é a noção de vida que surge como critério fundamental da filosofia nietzscheana. Descrevendo suas experiências, fazendo da vida o princípio do pensamento, Nietzsche coloca, em lugar da oposição entre vida e conhecimento, um pensamento essencialmente afirmativo.

Como vimos, a vida e a própria pessoa de Nietzsche são singularmente incluídas na obra. Esta é formada e recortada por um livre movimento entre temas próprios à reflexão filosófica e temas inesperados, tais como suas

13 Nietzsche, F., *Contribution à la généalogie de la morale*, « Collection 10/18 », Union Générale d'Éditions, 1974. p. 192.

14 Nietzsche, F., *Ainsi parlait Zarathoustra*, « Collection Folio/Essais, Gallimard, Paris, 1971, p. 148.

15 Fink, E., *A Filosofia de Nietzsche*, Editorial Presença, Lisboa, 1982, p. 15.

opções pessoais, seus hábitos e memórias. Na *Gaia Ciência*, ao relatar a forma como surgem seus pensamentos, Nietzsche nos relata também um de seus hábitos :

Nós não costumamos pensar no meio de livros, sempre em contacto com os livros. Nosso hábito é de pensar ao ar livre, andando, saltando, subindo, de preferência nas montanhas solitárias ou próximas do mar, onde os próprios caminhos parecem meditar.<sup>16</sup>

Habitado a longas caminhadas e escaladas, era no ritmo de suas andanças que surgiam muitos de seus pensamentos. A medida que subia, a própria paisagem ia se abrindo e se modificando à sua volta, os pensamentos fluindo e se movimentando, no ritmo do caminhar ou nas longas pausas entre os passeios.

A descrição do filósofo que pensa ao ar livre, pescando e colhendo as palavras, se une à forma aforística de sua escrita. Pensando ao ar livre, deixando que seus pensamentos fluíssem livremente, Nietzsche passeia de um tema a outro, sem ordem precisa, a eles retornando sob variadas perspectivas. Esse aspecto de seu pensamento fez surgir a imagem do filósofo viajante, para quem a filosofia se constitui de uma mobilidade e de uma pesquisa permanentes. Os aforismos, criando um movimento descontínuo na obra, se ligam uns aos outros por vazios e lacunas. Não se trata de nenhuma soma que, de passagem em passagem, formasse um pensamento contínuo e completo pois mesmo na constância e no retorno de um tema, há uma ruptura, um deslocamento de ângulo que nos impede concluir com o olhar uma imagem acabada e sem vazios. A escrita aforística é uma espécie de pesquisa; longe de se deter em alguma posição definitiva, ela torna a vida matéria viva e renovada do pensamento.

Esse aspecto vivo do texto de Nietzsche, presente na forma de sua escrita, reaparece, sob outra perspectiva, em um aforismo de *Humano Demasiado Humano* :

Para o escritor é uma surpresa renovada que seu livro continue a ter vida própria desde que se desliga dele; talvez o esqueça por completo, [...], enquanto isso, o livro procura seus leitores, inflama a vida, engendra novas obras. Se considerarmos que toda ação, e não somente um livro, acaba por propiciar outras ações, resoluções, pensamentos, então reconheceremos a verdadeira imortalidade, a do movimento.<sup>17</sup>

Aqui, Nietzsche comenta o destino de toda obra que, uma vez desligada de seu autor, passa a ter vida própria e segue seu próprio caminho. Mesmo

16 Nietzsche, F., *Le gai savoir*, op. cit., aforismo 366.

17 Nietzsche, citado por Lyotard, J. F., « Notas sobre o Eterno Retorno e o Kapital » in : *Nietzsche Hoje ?*, Brasiliense, São Paulo, 1985, p. 46.

que a tenha esquecido por completo, « em seus escritos continua a viver tudo o que no autor havia de pensamentos e sentimentos portadores de vida, força, luzes ».<sup>18</sup> Na escrita se manifesta tudo o que há de vida no pensamento e, assim, sua força de criar mais vida, de despertar novos pensamentos. O texto, como diz Nietzsche, « ganha vida », cria efeito, e com isso participa da « verdadeira imortalidade, a do movimento ». O livro, em sua vivacidade, é uma pluralidade, a região onde « ocorre uma metamorfose ».<sup>19</sup>

Essa reflexão se aplica perfeitamente à própria obra de Nietzsche. Fazendo de sua obra um espaço de meditação sobre suas experiências, Nietzsche reúne à escrita o vivido; algo vive e se move no texto, algo encanta e provoca. É esse pensamento inseparável do vivido que é portador de vida e de força. O livro ganha vida própria, « inflama a vida, alegre, engendra novas obras », acaba por propiciar « outras ações, resoluções, pensamentos ».

Essa vida presente na obra, semelhante à escrita aforística, é uma espécie de ação sobre o leitor, busca provocar sobre ele um efeito. Diferente de um pensamento que alivia, torna o desconhecido conhecido, o que há de vivo na obra faz da leitura o instante de uma experiência, busca suscitar uma imagem, um estado criador em quem lê. O leitor não procura no que está sendo contado um acabamento e uma explicação, mas, ao contrário, se perde no texto para encontrar « o que difere », o que o torna diferente. É assim que a filosofia é feita de um material explosivo e, ao mesmo tempo, sedutor.<sup>20</sup> Ela faz despertar uma nova série de experiências : « Imaginemos um caso extremo : um livro, [...], que seja a primeira linguagem para uma nova série de vivências. »<sup>21</sup>

Os livros de Nietzsche possuem, assim, um estranho efeito : o conteúdo crítico e renovador de sua escrita, atraindo e surpreendendo o leitor acaba por conduzi-lo sempre de volta à vida. Como ressalta Deleuze,<sup>22</sup> tem muito em Nietzsche de uma « potência nômade » que é também uma « máquina de guerra móvel », um movimento de se libertar e de mudar o que está estabelecido. Esse movimento nômade atua como uma forma libertadora de pensamento, fazendo da filosofia uma prática ou uma experiência do desconhecido, do oculto, do não pensado.

Suscitando no pensamento perspectivas novas e desconhecidas, a escrita de Nietzsche parece querer transportar o leitor para além dos livros e dos autores. É assim que, seguindo a bela imagem de Antônio Cândido, diferente de um autor, Nietzsche é um portador;<sup>23</sup> sua obra eletriza e ilumina por um instante, faz da existência uma experiência criadora.

18 *Ibid.*

19 Sobre isso, ver o comentário de Lyotard, J. F., *op. cit.*, pp. 46-47.

20 Ver Nietzsche, F., *Ecce Homo, op. cit.*, p. 102 e p. 83.

21 Ver Nietzsche, F., *Ecce Homo, op. cit.*, p. 102 e p. 83.

22 Deleuze, G., « Pensamento Nômade », in : *Nietzsche Hoje ?*, Brasiliense, São Paulo, 1985, pp. 66-67.

23 Cândido, Antônio, « O Portador », in : *Nietzsche : Obras Incompletas*, Col. « Os Pensadores », Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1983, pp. 415-416.

## II

Ao lado do conteúdo polêmico e crítico de sua filosofia, Nietzsche ficou conhecido pela forma poética de sua escrita.<sup>24</sup> Fink, ao comentar a obra *Assim Falou Zaratustra*, nos diz que, nela, Nietzsche já não teoriza sobre a arte, mas « pensa poeticamente ». Incluindo em sua obra descrições de passeios, observações sobre a natureza, fazendo, freqüentemente, comparações entre a filosofia e a dança ou o vôlei, a obra de Nietzsche oferece ao leitor inúmeras imagens e símbolos, lhe surge como um « pensamento poético ».

Também foi esse aspecto que mais nos chamou a atenção nas biografias aqui tratadas.<sup>25</sup> Compartilhando com o filósofo esse pensamento poético, Daniel Halevy e Béatrice Commengé trazem para suas biografias inúmeras imagens com as quais descrevem a trajetória de Nietzsche. Nesse aspecto reside a riqueza de suas biografias; a partir de belas imagens colhidas nas cartas e na obra de Nietzsche, nos relatam a trajetória do filósofo sem retirar dela essa atmosfera poética que lhe é própria.

Partindo de imagens poéticas, a maneira como cada autor pensa a tarefa do biógrafo é, no entanto, bem diferente. Halevy, filósofo, historiador e crítico literário, compondo sua biografia como um relato, nos descreve desde a infância a trajetória de Nietzsche. De forma diferente, Béatrice Commengé, escritora e tradutora, passeando livremente da obra à vida, sem seguir uma ordem cronológica, se propõe a fazer não uma biografia mas um ensaio biográfico. Das cartas e da obra vemos surgir, assim, diferentes trajetórias do filósofo.

Ressaltando as imagens poéticas que os autores nos trazem, esse comentário busca mostrar como as duas biografias tratadas elaboram de formas distintas a relação entre vida e pensamento. Se ler a vida é, em ambas as biografias, construir a história e a imagem de Nietzsche, tal construção é, como veremos, inseparável de uma compreensão de sua obra.

A obra de Daniel Hálevy, como ressaltamos em artigo anterior,<sup>26</sup> é rica em tecer relações entre a vida e o pensamento de Nietzsche, criar entre eles uma unidade. A militância do jovem filósofo, tão ricamente descrita por Hálevy, e sua existência solitária são relatos onde o pensamento de Nietzsche surge como meio de renovar e afirmar a existência. Há uma imagem, contudo, que Halevy retoma inúmeras vezes em seu texto, e que é talvez a que melhor expressa a forma como o autor vê a relação entre a vida e a obra de Nietzsche. Trata-se da imagem do nômade e do viajante solitário.

24 Sobre isso, ver Fink, E., *op. cit.*, pp. 67-68.

25 Halevy, D., *Nietzsche : uma biografia*, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1989 e Commengé, B., *La danse de Nietzsche*, Gallimard, Paris, 1988.

26 Trata-se da resenha « Nietzsche, uma trajetória », relativa a este mesmo livro, publicada na revista *34 Letras*, nº 7, em março de 1990.



A figura do filósofo nômade se aproxima de outra, a do *Wanderer*, assim descrita por Hálevy :

O *Wanderer* caminha sem saber para onde vai, caminha porque seu destino lhe manda caminhar. Na ordem do pensamento, o *Wanderer* é o peregrino do infinito.<sup>27</sup>

A imagem do Nietzsche viajante que Hálevy constrói é bem próxima da forma como compreende seu pensamento. Sua aventura não é como a do *Wanderer*, cujo destino é se perder, é caminhar no infinito. Se Nietzsche viaja é para encontrar no futuro o seu destino. No entanto, tal como o *Wanderer*, sua história se torna essa aventura infinita na qual perde e reconquista aquilo que busca. O viajante solitário pára e pergunta : para onde ? O viajante Nietzsche, o « adorador de estrelas », não é apenas o crítico dos valores cristãos e modernos; ele busca a « transvaloração de todos os valores », a filosofia afirmativa e criadora.

Para Hálevy, o olhar crítico de Nietzsche é também um olhar voltado para as estrelas, para o futuro, para o « céu nietzscheano » de que ele fala. Não é em *Assim Falou Zaratustra*, contudo, que Hálevy vê surgir a filosofia afirmativa de Nietzsche. A imagem do caminhante só reafirma a busca incompleta de Nietzsche, busca que teria na inacabada *Vontade de Potência* a obra criadora do filósofo.

O nomadismo de Nietzsche se confunde assim com a compreensão que Hálevy tem da obra; esse incansável viajante não é apenas um eterno convalescente, um solitário cujo pensamento é o meio de renovar e tornar possível a existência; é também aquele que, admirador de estrelas, não encontrou sua « estrela dançante ».

Béatrice Commengé retoma, de forma distinta de Hálevy, a imagem do viajante e sua estrela. Em seu livro, *La dance de Nietzsche*, não é na infância e na juventude que se inicia a trajetória do filósofo. Descrivendo uma existência errante e solitária, o que a autora busca captar na vida de Nietzsche, como veremos, é o instante, o momento de uma metamorfose.

Rohde, que Nietzsche conhecera em sua juventude, ao rever o filósofo alguns anos mais tarde, nos deixou o seguinte relato : « Ele parecia vir de um país que ninguém habita ».<sup>28</sup> O texto de Béatrice parece surgir da curiosidade que este relato suscita. Ela quer conhecer este mundo no qual vive Nietzsche. Reúne, de um lado, dados e depoimentos contidos em cartas e obras biográficas e, de outro, parte da própria obra de Nietzsche para compor a imagem do filósofo.

Vemos surgir de seu texto um filósofo que encontra na música e na poesia uma outra visão de mundo. Béatrice ressalta inúmeras vezes essa ligação

27 Hálevy, D., *Nietzsche : uma Biografia*, op. cit., p. 294.

28 Commengé, B., *La dance de Nietzsche*, op. cit., p. 102.

entre arte e filosofia, não apenas na vida, mas no pensamento de Nietzsche. Para ela, a palavra congela o caráter fragmentário e intempestivo de seu pensamento, somente a poesia ou a dança poderiam captá-lo « sem o paralisar ». A partir dessa afinidade entre arte e pensamento, tal como aparece no *Nascimento da Tragédia* e *Assim Falou Zaratustra*, Béatrice compõe o mundo de Nietzsche. É importante ressaltar, no entanto, que a relação entre arte e pensamento reside no próprio conteúdo da filosofia nitzscheana.

Eis que, a partir das cartas e da própria obra, Nietzsche é um ser que se sente muito longe e muito além. Para todos eles, é o solitário de Sils Maria, mas para si ele tornou-se « seu próprio estrangeiro, esquecido de si mesmo ».<sup>29</sup> Por onde anda Nietzsche ? Nas suas caminhadas não é o céu do seu século o que ele vê, mas, mergulhado em antigas imagens gregas ou entre os animais de Zaratustra, Nietzsche é ora Dionísio, ora Zaratustra. Béatrice descreve uma visita de Resa Shirnhofer a Nietzsche quando passeiam próximos ao rochedo onde o filósofo teve a visão do eterno retorno. Não é Nietzsche, mas um « sátiro extasiado que toma a palavra ». O que ele narra não parece destinado aos homens, « é uma profusão de palavras e imagens ditirâmbicas ».<sup>30</sup>

É nesse mundo dionisíaco, mundo que Zaratustra anuncia, que parece habitar Nietzsche.

Ao se inspirar também na obra para descrever a vida do filósofo, Béatrice elabora uma fusão singular entre vida e pensamento. Este deixa de ser um meio de traduzir experiências ou superar o sofrimento e passa a ser o próprio corpo de Nietzsche. Corpo e pensamento, como veremos, são um e o mesmo.

Se Béatrice ressalta a importância da arte na vida e no pensamento de Nietzsche, ela não o faz somente a partir do conteúdo do texto, mas de seu próprio estilo. A forma musical e poética como o constrói parece sugerir que somente a poesia possui o movimento capaz de dar conta da forma como Nietzsche pensa. A musicalidade e a poesia falam de um filósofo cuja reflexão e a própria existência queriam escapar de um « eu que pensa » e encontrar-se a si mesmo em um outro domínio de pensamento. É desse domínio quase inapreensível que surge a trajetória de Nietzsche.

O professor e jovem escritor do *Nascimento da Tragédia* torna-se, em virtude de sua doença, um pensador nômade. A doença o obriga a partir sempre em busca de novos climas; a alternância de seus estados de saúde torna o sofrimento parte inseparável de sua vida. A intensidade com que Nietzsche vive seu corpo será, como ressalta Béatrice, marcante em seu pensamento. Nômade e solitário, a trajetória de Nietzsche é a trajetória de um filósofo que entregou-se a seu corpo, que deixou « o corpo falar ». Cada crise é uma luta na qual é preciso afirmar e superar o sofrimento, afastar os impulsos de uma

29 *Ibid.*, p. 75.

30 *Ibid.*, p. 76.

consciência que sofre e recusa o sofrimento. Para Béatrice, o nomadismo de Nietzsche é uma viagem na qual ele busca o próprio corpo. Esse corpo desconhecido, não teria ele sua própria linguagem ?

Com seu cajado na mão, Nietzsche inicia mais uma de suas longas caminhadas. A agilidade e o movimento do corpo despertam seu pensamento, no ritmo do caminhar são seus músculos « que ditam as palavras ». Béatrice descreve como, no caminhar de Nietzsche convalescente, pensamento e corpo se confundem, « as palavras despertam como uma dança ».<sup>31</sup> Esse corpo, entregue a uma luta contínua, ao retomar a saúde tem dela uma perspectiva distinta daquela que na cultura separa corpo e espírito.

O caminhante solitário, em pleno movimento, já está um pouco além de seu mundo. Já não é mais a paisagem o que ele vê; eis Nietzsche distante, « em pleno ar, tal como um pássaro ». Esses são os momentos da *délivrance*, momentos em que Zaratustra não é um « jogo do espírito »,<sup>32</sup> ele vive. Para Béatrice, Zaratustra nasceu nesses instantes nos quais Nietzsche superou, ao mesmo tempo, « dor e razão » e nos quais experimenta « um misterioso acordo entre si e o mundo ».<sup>33</sup> Nietzsche é então Dionísio, « o que transforma a vertigem em êxtase ».<sup>34</sup>

Nietzsche nômade, aquele que quer partir para se encontrar, descobre a si mesmo em Dionísio, o deus transfigurador. Nessa « virtude transfiguradora » própria a Dionísio, nesse sair de si mesmo, o eu se dissolve e o corpo se funde em um misterioso acordo com o mundo. Essa transfiguração, descrita pelo jovem Nietzsche no *Nascimento da Tragédia*, é, para Béatrice, a descoberta que o filósofo faz de seu corpo. Se Zaratustra nasceu da « virtude transfiguradora » é porque nela o pensamento descobre em si um impulso que não o da razão, já não é pensamento consciente mas pensamento « que se exercita no imprevisível ».<sup>35</sup> Escutar o corpo é entregar-se ao mesmo movimento do dançarino; tal como a dança, é esse movimento que constitui o pensamento.

Pensar com o corpo é o que levou Nietzsche, segundo Béatrice, a pensar a crença em um mundo verdadeiro como um ideal construído. O filósofo crítico do cristianismo e da ciência quer ressaltar o enfraquecimento de uma existência que, criadora da verdade, viu esvaziar-se seu sentido estético. Pensar com o corpo é, para Béatrice, fazer o elogio da aparência, é afirmar a existência como multiplicidade. Se o filósofo nômade é aquele « que se perde para melhor se encontrar »,<sup>36</sup> é também assim que Béatrice entende o mundo da aparência. Vivê-lo não é evadir-se, mas afirmar a única realidade das coisas, que é movimento.

31 *Ibid.*, p. 20.

32 *Ibid.*, p. 157.

33 *Ibid.*, p. 21.

34 *Ibid.*, p. 48.

35 Klossovski, P., *Nietzsche et le Cercle Vicioux*, Mercure de France, Paris, 1969, p. 319.

36 Commengé, B., *op. cit.*, p. 48.

Se a vida é movimento, a única experiência afirmadora é a dionisíaca. Afirmar, para Béatrice, é a experiência de fusão com a natureza, tal como no *Nascimento da Tragédia*, a embriaguez é esse acordo misterioso com a Unidade Primitiva. A interpretação que Béatrice faz da experiência dionisíaca é inseparável de inúmeras imagens retiradas da filosofia indiana e chinesa. O mundo de Dionísio é também o de Shiva, Hathor, Buda. O elogio da aparência aproxima Dionísio de Buda, para quem corporeidade e ilusão são o mesmo. Para Béatrice, o que os deuses ensinam é sobretudo que, sem metamorfose, nada torna-se o que é.

Se Béatrice enfatiza o *Nascimento da Tragédia* e *Assim Falou Zaratustra* é porque nessas obras surge a filosofia como visão dionisíaca do mundo. A linguagem poética, assim como a linguagem do corpo, tem mais afinidade com o mundo dionisíaco que a palavra ou o conceito, na medida em que estes aprisionam um pensamento que se quer dançante, em movimento. Como já ressaltamos, esta idéia não está presente apenas no conteúdo mas no próprio estilo da autora. Escrito como um poema, é na musicalidade e no vôo do pensamento, e não no rigor do conceito, que reside a riqueza do texto de Béatrice.

Construir a imagem de Nietzsche, descrever sua trajetória é, como vimos, inseparável de um olhar perspectivo. Nietzsche, caminhante do infinito, aquele que não encontrou sua filosofia afirmativa. Nietzsche filósofo intempestivo e dionisíaco. Essas duas trajetórias não são apenas distintas mas, postas lado a lado, parecem projetar imagens opostas do mesmo pensador. Cabe ressaltar que a diferença tem origem na mesma questão : a de como pensar, para além do crítico, o filósofo criador e afirmativo.